



ENTRE MEXICANOS E CHICANOS: AS MARCAS DA DIÁSPORA NA OBRA LOS COMPADRES DE JUSTO S. ALARCÓN

Naiane Carolina Menta Três¹
Universidade Federal da Fronteira Sul
(naiane.menta@uffs.edu.br)

Resumo: a diáspora, efeito migratório que representa o deslocamento de um povo para um ou mais destinos, é o assunto deste trabalho. Nosso objetivo é identificar e analisar concepções teóricas envolvendo fronteira, identidade, além de relacionar essas e mais questões de pertencimento, lar e lugar no livro “Los dos compadres: cuentos breves del barrio”, de Justo S. Alarcón. A obra é composta por diálogos entre dois idosos, participantes do efeito diaspórico, que refletem sobre problemáticas e consequências migratórias. Os resultados revelam que o livro “Los dos compadres” é uma expressão artística que dá voz ao sentimento do povo mexicano que vive nos Estados Unidos. Aspectos identitários, econômicos, políticos, de lar, lugar e do uso do *spanglish* são consequências da diáspora destacadas no livro. Além disso, as conversas realizadas pelos personagens no Parque San Lázaro em Phoenix, no Arizona ressaltam a transculturação na segunda geração da diáspora, em que descendentes de mexicanos adotam costumes marcadamente estadunidenses.

Palavras-chave: Diáspora; Fronteira; Transculturação; Identidades; Pertencimento.

Abstract: the diaspora, a migratory effect that represents the displacement of a people to the one or more destinations, is the subject of this work. Our goal is to identify and analyze theoretical conceptions involving borders, identity, in addition to relating these and more issues of belonging, home and place in the book “Los dos compadres: cuentos breves del barrio”, by Justo S. Alarcón. The work is done by dialogues between two elderly, who are participants of the diasporic effect and reflect on the problematic and the migratory consequences. The results reveal that the book “Los dos compadres” is an artistic expression that gives voice to the sentiment of the Mexican people who live in the United States. Identity, economical, political, home and place aspects, as well as the usage of *spanglish* are consequences of the diaspora highlighted in the book. In addition, the conversations held by the characters at San Lazarus Park in Phoenix, Arizona highlight the transculturation in the second generation of the diaspora, in which descendants of Mexicans adopt characteristically United States habits.

Keywords: Diaspora; Border; Transculturation; Identities; Belonging.

Resumen: la diáspora, acto migratorio que representa el desplazamiento de un pueblo para uno o más destinos, es la temática de esta investigación. Nuestro objetivo es identificar y analizar concepciones teóricas involucrando frontera, identidad, además, relacionar esas y otras cuestiones de pertenencia, hogar y lugar en el libro “Los dos compadres: cuentos breves del barrio”, de Justo S. Alarcón. La obra es compuesta por diálogos entre dos ancianos, participantes de efecto diaspórico, que reflexionan sobre problemáticas y consecuencias migratorias. Los resultados exponen el libro “Los dos compadres” como una expresión artística revela el sentimiento del pueblo mexicano que vive en los Estados Unidos. Aspectos de identidad, económicos, políticos, de lugar, hogar y de uso del *spanglish* son consecuencias de la diáspora señaladas en el libro. Además, las charlas realizadas por los personajes en el Parque San Lázaro en Phoenix, Arizona resaltan la transculturación en la segunda generación de la diáspora, descendentes de mexicanos adoptan costumbres típicas

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professora do curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul. Realiza o doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá.



estadounidenses.

Palabras clave: Diáspora; Frontera; Transculturación; Identities; Pertenencia.

1. Introdução

O presente trabalho pretende analisar as marcas da diáspora mexicana na obra *Los compadres: cuentos breves del barrio* de Justo S. Alarcón. A obra reúne 24 contos que consistem em diálogos entre dois idosos, um nascido no México e outro filho de mexicanos, que se encontram no Parque San Lázaro em Phoenix, no Arizona (Estados Unidos) e conversam sobre as problemáticas que envolvem o povo mexicano ao optar por viver em outro país. Apesar de o autor ser espanhol, nascido em Málaga, vive há muitos anos no Arizona, acompanha o que é ser um *hispanohablante* nesta realidade.

A diáspora mexicana possui características próprias que a difere de outras diásporas históricas, como por exemplo, a judaica. Segundo Reis (2004, p. 48-49) “In the context of globalization, there are examples of “opportunity-seeking” diasporas, whose displacement arises due to situations that are neither traumatic nor associated with disaster.” O deslocamento do povo mexicano para os Estados Unidos possui como motivação principal a questão econômica e reflete essa busca de oportunidades melhores em nível de emprego e condições de vida, conforme definido pela teórica.

Obras literárias que surgem sensíveis a esta realidade correspondem a expressões artísticas que dão voz ao povo mexicano que migrou para os Estados Unidos. Conforme Torres (2001), ao final do século XX se intensificou o processo de “latinização” e, diante de novos paradigmas econômicos, políticos e sociais a diáspora mexicana segue no século XXI. Sendo assim, justifica-se este trabalho ao se considerar pertinente a análise de um livro que representa a diáspora e opta-se a utilizar como base os aspectos de identidade, pertencimento, fronteira, entre outros.

Portanto, o presente artigo busca responder quais são as marcas da

diáspora mexicana encontradas nos contos de Alarcón. Para isso, organizou-se um capítulo teórico, intitulado *Sobre identidade, pertencimento e diáspora*, seguido de um capítulo de análise, *A diáspora na obra Los dos compadres*, dedicado a questões econômicas, políticas, culturais e de fronteira presentes no texto, bem como as conclusões encontradas.

2. Sobre identidade, pertencimento e diáspora

A diáspora não é um movimento recente entre povos. Desde os tempos bíblicos são registradas migrações em grande escala e, apesar de aspectos em comum, as diásporas podem ser reconhecidas em grupos por suas características e motivações. Para criar uma definição, analisou-se historicamente os grandes movimentos diaspóricos e organizou-se didaticamente em 3 tipos, clássica, moderna e contemporânea, conforme Reis (2004, p. 47),

Contemporary diaspora are complex and the reason for their formation manifold. This period is characterized by dislocation and fragmentation. Whereas classical diaspora are to a large extent directly associated with exile, as is the case of the Jews, the Palestinians, the Adricans, and the Armenians, dispersal to overseas territories need not imply a decisive break with the homeland nor is the uprooting of the diasporic group considered permanent in relation to temporary diaspora.

A partir da definição, pode-se identificar que ao longo da história da humanidade os deslocamentos dos povos tiveram características distintas. Para complementar a definição sobre o termo diáspora, cita-se Brah: “En lo más profundo de la noción de diáspora está la imagen de un viaje. Aunque no todos los viajes pueden considerarse diásporas.” (BRAH, 2011, p. 213). Ou seja, a diáspora consiste nas viagens de povos para outras regiões geográficas. A migração dos mexicanos para os Estados Unidos é considerada uma diáspora e, segundo Reis, este deslocamento se encontra na tipologia contemporânea, com estímulo principalmente relacionado às circunstâncias econômicas.



Apesar de a autora citar que este tipo de diáspora não rompe laços decisivos com a pátria a que pertenciam é inegável que durante a inserção em outra sociedade a população se altera. Hall descreve que “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.” (2003, p. 27), ou seja, a partir do contato social se adquirem novas características culturais, assim como se propaga sua própria cultura, gerando essas identidades múltiplas.

Ainda sobre esse contato, Hall fala sobre a transculturação:

Através da transculturação “grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante”. É um processo de “zona de contato”, um termo que invoca “a co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam” (HALL, 2003, p. 31)

O processo de transculturação é um rico encontro entre as culturas dos povos. Sem existir um controle entre até onde cada cultura pode ir ou de que aspectos irá se apropriar, ocorrem mutações em ritmos musicais, línguas, comidas, religiões, entre outros. Isso é possível através da zona de contato, que é “uma tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por discontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam” (PRATT, 1999 p. 32). Estes sujeitos ultrapassam limites de fronteira, sejam eles geográficos, psíquicos, sociais, entre outros, e se atualizam novamente como povo a cada encontro ou choque cultural.

A transculturação, os efeitos de identidade múltipla e a zona de contato afetam diretamente a identificação de lar, lugar e pertencimento. Com base em Brah (1996), afirma-se que lugar é o espaço que o povo ocupa, para que este povo diaspórico chegue a transformar esse espaço em seu lar, necessita sentir-se pertencente ao local. Por isso, a apreensão da cultura dominante ou o manutenção de suas culturas resultam na identificação do povo diaspórico e no pertencimento ao novo espaço.

Na tentativa de salvar a cultura que antes existia ou uma reação ao medo



da cultura dominante, surge a preocupação com a preservação cultural:

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligado ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É, claro, um mito - com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2003,p. 29)

A tradição, conforme visto, não é uma garantia de manter imutável e resguardar as características do povo anteriores à diáspora. Através da zona de contato se modificam tradições e se criam outras, ou mesmo, em casos mais traumáticos, se tenta apagar uma cultura.

Ao tratarmos especificamente da diáspora mexicana destaca-se que a fronteira possui um papel importante no encontro entre o povo do México e o povo dos Estados Unidos e que a fronteira funciona como uma zona de contato. Partindo de definições que ultrapassam o conceito de fronteira como limites geográficos, Brah (2011, p. 230) caracteriza a fronteira como linhas arbitrárias que servem de divisão social, cultural, psíquicas, entre outras. A autora destaca a fronteira como um território a ser patrulhado, protegido dos “Outros”, os estrangeiros, os estranhos que podem entrar em um território e transformar socialmente sua economia, política, cultura e outros aspectos. Mas não somente os donos do território sofrem transformações, a expressão cultural do povo migrante é modificada diante dessa realidade e torna-se material rico de análise dos efeitos da diáspora.

3. A DIÁSPORA NA OBRA LOS DOS COMPADRES

Com base nas teorias apresentadas anteriormente, a análise está organizada a partir de quatro critérios de análise do texto literário. O primeiro busca averiguar como a obra de Alarcón aborda as questões de fronteira e ilegalidade. O

segundo e o terceiro critérios são responsáveis por trazer reflexões sobre os impactos econômicos e políticos na vida da comunidade diaspórica retratada na obra. O último, e mais abrangente, retrata as influências culturais no contato entre as culturas, destacando questões de língua, costumes e sentimento de pertencimento.

3.1 Fronteira e ilegalidade

O livro é composto de diálogos entre dois senhores de origem mexicana, frutos da diáspora para os Estados Unidos. Don Epifanio explica no conto *Los compadres 2* sobre como ocorreu a diáspora na realidade de sua família: “Yo nací en Puerto Peñasco, Sonora. Pero mis padres me trajeron de niño para Arizona.” (ALARCÓN, 1993, p. 34). Nota-se que a mudança de país não foi uma opção para Don Epifanio, já que deixou o México ainda criança, junto de seus pais, mas é considerado, conforme o próprio livro de Alarcón um mexicano, já que nasceu em uma pequena cidade turística do México. Em conversa com Epiceno, revela dados da ilegalidade:

En aquel tiempo no había el rejuego que se traen hoy día. Entonces, el mexicano entraba y salía sin papeles ni nada. Para nosotros, y para ellos, Arizona era como Sonora. Ahora se pusieron los moños y... hasta le llaman a uno «mojado», aunque no hay ningún río de por medio.” (ALARCÓN, 1993, p. 34)

O deslocamento dos mexicanos é apresentado no livro através de mudanças históricas. Epifanio declara que a relação de fronteira era tranquila, já que sua cidade de origem fica a apenas 100 km da fronteira com os Estados Unidos.

O termo “*mojado*” em língua espanhola representa os mexicanos que cruzam ilegalmente a fronteira e, como bem destaca o personagem, é a palavra utilizada para definir mesmo os que utilizam a fronteira seca para chegar ao seu destino. “Cada frontera encarna una narración única, incluso aunque resuene con elementos comunes con otras fronteras.” (BRAH, 2011, p. 223) Mesmo que nem



todo território de fronteira entre México e Estados Unidos esteja definida por rios, existe em comum a marca do cruzamento ilegal.

Já Epiceno, ao descrever sua relação com a diáspora, é considerado chicano, por já ter nascido dos Estados Unidos. “Pos yo, compadre Epifanio, yo nací aquí, en el barrio [...] (ALARCÓN, 1993, p. 34)”, Epiceno se enquadra na segunda geração diaspórica, é chamado de “*chicano*”, pois não nasceu no México, mas é descendente de mexicanos e destaca ter nascido no “*barrio*”, local geográfico de concentração do povo diaspórico na cidade pertencente ao Arizona.

Nesse espaço vivem da “*Raza*”, como o próprio livro define. E a concentração do povo faz com que sofram preconceito, sejam taxados todos iguais. No conto *El chicano y el sistema judicial* as marcas de preconceito aparecem na fala de Epifanio: “[...] De que usted también piensa de que la sociedad cree que nosotros, la Raza, estamos inclinados al mal, y que, cuando pasa algún crimen que no pueden resolver, la policía y todos piensan que nosotros lo hicimos, nomás porque «somos diferentes».” (ALARCÓN, 1993, p. 131). O termo “*raza*” é utilizado para definir os que são descendentes de mexicanos, descritos pelo personagem como “diferentes”. Esta diferença faz com que sejam vistos como sujeitos de má índole e suspeitos para a polícia.

Mesmo considerando que “Las personas en movimiento pueden ser migrantes trabajadores (tanto <<documentados>> como <<indocumentados>>), especialistas altamente cualificados, empresarios, estudiantes, refugiados y solicitantes de asilo o los familiares de migrantes anteriores.” (BRAH, 1993, p. 209), os mexicanos retratados no livro possuem estadias legais e ilegais no país, mas como possuem ilegais entre eles, passam a ser sempre suspeitos.

Epiceno relata a realidade dos mexicanos ilegais e questiona como isso é tratado pelo sistema de Imigração “Compadre Epifanio, ayer oí en las noticias de la televisión que la Migra se llevó a muchos mojados pa' México. Yo no me explico cómo es que los agarran de este lado y no los pueden agarrar en la frontera mejor. Usted, ¿qué piensa?” (ALARCÓN, 1993, p. 133). Segundo Epiceno, o controle de



imigração deveria ser feito na fronteira, no momento de entrada dos mexicanos no país e não depois que já estão estabelecidos, mesmo que ilegalmente.

A relação da imigração ilegal não se dá apenas entre os mexicanos e o sistema de imigração. “*Los coyotes*” representam um elo fundamental entre país de origem e país de destino e por isso tiveram um capítulo, de mesmo nome, para demonstrar seus efeitos nesta diáspora. Epifanio descreve:

Pos esos que usted dice «coyotes» pertenecen a la especie más baja de lo que ha producido la humanidad. Son personas que venden a su propia madre para quedar bien con el gringo y con la billetera. No tienen escrúpulos, no tienen conciencia y no tienen corazón ni sentimientos para el pobre y para el desgraciado. Son como las sanguijuelas, las chinches y los piojos. Para poder engordar chupan la sangre de los que les dan jale. Son unos desalmados. (ALARCÓN, 1993, p. 139)

Alarcón utiliza-se da fala de Epifanio para fazer uma crítica social aos “*coyotes*”, identificando-os como seres inferiores da sociedade por servirem sem escrúpulos aos que lhes oferecem mais dinheiro. O trabalho ilegal de auxiliar, em troca de dinheiro, os mexicanos para cruzarem a fronteira, geralmente se torna uma forma de ganhar dinheiro tanto de mexicanos, como dos “gringos”, norte-americanos que recebem os imigrantes “*mojados*” em ranchos e os destinam para trabalhos. “[...] Eso cuando les va bien, porque cuando huelen a los de la Migra, los dejan abandonados a que se tatem en el desierto, como si fueran lagartos.” (ALARCÓN, 1993, p. 142). Os “*coyotes*” nem sempre finalizam o serviço prometido aos mexicanos que gastam suas economias para tentar um futuro melhor. O livro revela que muitos mexicanos são deixados no deserto da fronteira, sem conhecerem o caminho e sem saber como chegar ao destino, já que os coiotes os abandonam quando correm risco de ser pegos pela polícia. Ao se sujeitarem a esta realidade, tanto os imigrantes, quanto os coiotes, possuem objetivos econômicos. Como a questão econômica cerca esta temática, segue-se com uma análise específica sobre esse aspecto.

3.2 Impacto econômico

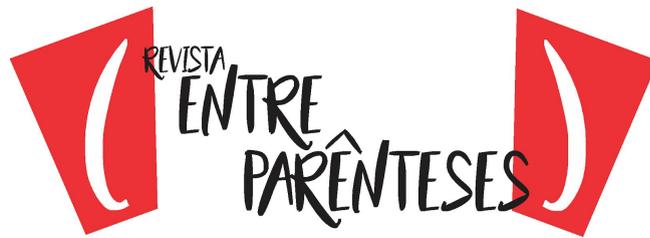
A análise dos aspectos econômicos da diáspora mexicana retratada no livro “*Los compadres*” pode ser feita ao longo de todo o livro, assim como já demonstrado na parte destinada a fronteira e a ilegalidade. Porém, optou-se por selecionar trechos específicos em que os fatores econômicos ganham destaque. Exemplifica-se a partir da fala de Epifanio no capítulo *Los barrios*:

Pos mire, compadre Epiceno, mirando bien las cosas es como mejor se miran. Si paramos mientes en lo que le dije en denantes, lo de la *citi*, pues, es que no nos tienen respeto, y esa es la mera pelona verdá. Mire nomás, aquí nos encasquetan hasta el cuello el aeropuerto, las cárceles, los almacenes de cosa y media, y otras muchas cosas y, pues, tanto ruido y tanto negocio sucio, parece como si los barrios pos fueran resumideros de agua empucada y montes de basura. Eso es todo. Aquí están los negocios de los ricos del norte y pues nos dejan la porquería aquí. Eso es todo. (ALARCÓN, 1993, p. 43)

Nota-se novamente a relação entre nós e os outros, como visto em Brah (1993) no capítulo teórico, mas não mais na fronteira, esta divisão também se encontra na organização das cidades que receberam imigrantes, já que os descendentes de mexicanos se concentram em bairros, enquanto os considerados norte-americanos vivem na “*citi*”, estrangeirismo adotado pelo autor para se referir a cidade ou parte central da cidade. A consequência da economia representada neste trecho é que os negócios vantajosos pertencem aos “*ricos del norte*”, enquanto os mexicanos precisam conviver em seus bairros com a sujeira gerada.

Outro aspecto retratado no livro é que para as empresas funcionarem nos Estados Unidos, precisa-se de mão de obra. O capítulo *La mano de obra mexicana* apresenta uma via de mão dupla entre estadunidenses e mexicanos:

Pos yo no me opongo a que los mexicanos crucen la alambrada, compadre Epifanio, porque los pobres necesitan dinero pa' sus familias, que dizque tienen hambre y que allá por México pos que hay escasez de trabajo y aquí pos parece que no hay muchos que le quieran entrar al jale del fil, pos porque es duro y hace mucho



calor.” (ALARCÓN, 1993, p. 133).

Epíceno concorda com o cruze ilegal de mexicanos, pois cita a fome, a baixa renda e a escassez de trabalho como realidade mexicana. Segundo Reis (2004, p. 48), “[...] As a result, the remittances that diasporic communities send to the homeland impact favourably on their home economies.” Ao vislumbrar o aspecto teórico passa a se entender o motivo pelo qual Epíceno acredita que a ilegalidade é positiva, já que muda a realidade econômica dos parentes que ficaram no México e recebem o dinheiro gerado pelo trabalho nos Estados Unidos.

Epifanio complementa com as vantagens para os Estados Unidos de contar com a mão de obra mexicana:

Mire, para ponerle nomás un caso, y es nomás un caso, ¿qué le pasaría al melón, a la naranja, al algodón, a la lechuga y a tantas cosas más si no fuera por tantos miles de mexicanos que vienen a levantar la cosecha para que nuestra sociedad tenga estas cosas en sus marquetas y en sus mesas? (ALARCÓN, 1993, p. 136).

Através do questionamento apresenta indícios de que para a sociedade possuir frutas e verduras em suas mesas precisa de pessoal para trabalhar nas lavouras.

A ilegalidade é parcialmente aceita nos Estados Unidos, pois não possuem pessoal que deseje trabalhar como mão de obra barata e em condições ruins de trabalho braçal. Existem vantagens para os Estados Unidos manterem alguns ilegais, pois garantem mão de obra e controlam o número de mexicanos que podem votar, não se tornando maioria. Nota-se que, perante a análise desses aspectos econômicos, se faz necessário analisar os impactos políticos da diáspora.

3.3 A política

Parte da população mexicana - a legalizada - influencia nas questões



políticas e, portanto, demandam de atenção especial dos políticos que pretendem se eleger. Um dos recursos descrito por Epifanio no conto *Los políticos* é o uso de vocabulário sofisticado, que muitas vezes não é compreendido pelo grande público, mas que garante votos por esse acreditar que os políticos devem ter muito conhecimento e estudo para falar da maneira adotada.

Nos contos *Los políticos 2* e *Los políticos 3*, outro recurso linguístico é apontado por Epifanio, o uso da língua espanhola por políticos que não possuem origem latina. “Y, ¿cuántas veces, después de las elecciones, vuelven a nuestras estaciones a hablar em *Spanish Only*?” (ALARCÓN, 1993, p. 98). Conforme Torres (2001, p. 9):

[...] pode ser percebida sobretudo pelo uso da língua espanhola, que se torna cada vez mais evidente. A prova disso é que nas principais cidades do sudoeste do país, assim como em outros centros urbanos de predominância hispânica, como Miami, as contas de luz e telefone vêm escritas em inglês e espanhol, e o saldo bancário também pode ser verificado tanto em uma língua como na outra, demonstrando que o espanhol é, ao menos funcionalmente, a segunda língua dos EUA. Também é possível sentir a forte presença da cultura hispânica através da música e da mídia de uma forma geral, que conta com rádios e televisões com programação exclusivamente em espanhol.

Obviamente a pesquisadora relata de maneira geral a expansão da língua espanhola nos Estados Unidos, presente em contas de luz e telefone por uma questão de praticidade e garantia de entendimento, o uso do espanhol em campanhas políticas também possui vantagens para ambos lados, o problema apontado é que a campanha é feita em “*Spanish Only*” para atrair e conquistar o voto dos descendentes de mexicanos, mas pós-eleições a realidade é outra:

Pos, como le decía, los que hablaron en nuestras radios em *Spanish*, se van después al Capitolio y dizque en este país se tiene que hablar *English Only*, que si la *Constitution*, que si *America*, que nos olvidemos ya de México, del *Spanish* y..., algún día, hasta nos van a prohibir comer tortillas y frijoles, tamales y qué sé yo cuántas cosas más, porque estas cosas no son americanas y quesque nos van a dar cáncer. Que si queremos comida mexicana, pos que tenemos



que comprarla en Taco Bell. (ALARCÓN, 1993, p. 101 - 102)

Já eleitos, os políticos defendem a constituição e o uso da língua inglesa, a língua oficial do país. O autor usa-se da hipérbole para realizar sua crítica, ao cogitar na fala de Epifanio, além do apagamento da língua espanhola, a proibição de comidas típicas espanhola ou a substituição por versões norte-americanas das mesmas.

Além da apropriação da língua espanhola nos discursos políticos, utiliza-se dos argumentos: “Yo voté por ellos, porque ellos nos dijeron que iban a trabajar por la Raza.” (ALARCÓN, 1993, p. 62). Os capítulos *Los que prometen mucho y...* traz a fala de Epiceno declarando votar aos que se comprometem em defender as causas do povo diaspórico. Isso ocorre porque “The impact of high-density Hispanic communities in South Florida is being registered at all levels – politically, socio-economically, culturally, linguistically, and even in terms of culinary influences.” (REIS, 2004, p. 52). Uma prova da transculturação tanto no estudo teórico, quanto na expressão artística.

Também consequência da “latinização”, o trecho abaixo retrata o caso de descendentes de mexicanos que ingressam no ramo político:

Sí, es fuerte, pero es la verdá. Lo que quieren de nosotros son los votos. Después, pos... como los gringos. Se juntan con ellos, y ya. Hasta se me hace que son peores, porque como se miran prietos y se echan una platicadita en español por la radio, aunque a veces no les sale muy bien porque... pos se agringaron, así nos sacan los votos. Esta es la mera verdá, compadre Epiceno, esta es la mera verdá. Y duele, ¿sabe?, y duele mucho. (ALARCÓN, 1993, p. 45 - 46)

Mesmo votando em descendentes de mexicanos, não existe garantia de que as causas de seu povo sejam representadas por esses políticos. O trecho do conto *Los barrios*, usa a expressão se “*agringaron*” para referir-se que os descendentes de mexicanos que entram na política muitas vezes só se utilizam da identificação latina para ganhar votos, mas no mandado não governam para seu povo.



Nos aspectos analisados anteriormente, nota-se questões políticas internas dos Estados Unidos, mas o texto retrata no capítulo *La mano de obra mexicana* características da política internacional na relação entre México e Estados Unidos:

Correcto, compadre Epiceno, pero así volvemos a lo de antes, que este Gobierno tendría que pagar todo más caro y que, por otra parte, estas tierras quedarían sin sembrar y sin cosechar y pos, a la larga, saldrían perdiendo. Y esto, como usted puede ver, compadre Epiceno, no le conviene al Gobierno americano. Por eso le ordena al Gobierno mexicano que no produzca tanto porque, si no, le va a cortar la «ayuda». Porque, como sabrá usted, compadre Epiceno, Estados Unidos manda en México. Y eso de «Viva México» y «México lindo y querido» pos son cuentos de hadas y cosas que el Gobierno mexicano les mete en la cabeza para distraerlos y que, para qué negarlo, también les gusta escuchar y gritar a los mexicanos para ocultar la tristeza, aunque me malicio que ellos ni cuenta se dan y no saben por qué lo están diciendo. Los dos gobiernos tienen bien tapada a la gente. (ALARCÓN, 1993, p. 136 - 137)

O trecho destaca o aspecto de mão de obra, já analisado, em parte, na influência econômica da diáspora mexicana, mas que precisa ser vista sob a ótica da política mundial. Se a mão de obra mexicana ficasse no México e plantasse mais frutas e verduras, sairia mais caro para os Estados Unidos comprarem as mercadorias, por isso, aceitam que ilegais entrem nos Estados Unidos e trabalhem nas plantações. Assim, é possível controlar a produção mexicana e garantir produtos mais baratos para os Estados Unidos através de produção própria e mão de obra importada.

3.4 Influências culturais

Os mexicanos são predominantemente um povo que segue a religião católica, consequência da colonização espanhola que também impôs sua língua, apesar da existência de diversas línguas de origem pré-colombianas em seu território. É um país famoso pela culinária e temperos fortes, bem como seus ritmos

musicais marcantes e que ganharam mais popularidade mundial a partir da diáspora e a comercialização de seus aspectos culturais nos Estados Unidos. Este capítulo aborda como esses fenômenos culturais aparecem no livro.

No conto *Los compadres* (2) ocorre a fala de Epifanio: “Los principios y los tiempos eran otros, compadre. Como católico, me decía el Padrecito de entonces, que descanse en paz, que pues que no era bueno, porque yo estaba casado ante los ojos de Dios. Y pos, uno se hace a la idea, compadre.” (ALARCÓN, 1993, p. 37). Segundo Renan (1990) a religião é uma das marcas de um povo na sua formação de nação. Nota-se que o texto traz elementos do catolicismo, que não é característico dos Estados Unidos, mas que faz parte da cultura mexicana após a transculturação que ocorreu entre a imposição da religião trazida pelos espanhóis na colonização e as crenças antes existentes.

Outro aspecto citado como marca identitária de uma nação por Renan (1990) é a língua. O livro mostra a luta pela tradição e o uso da língua espanhola como ato de resistência, mas também deixa claro que o efeito da transculturação é inevitável. A fala de Epiceno destaca exatamente a relação com os dois idiomas, do país de origem e do país de vivência: “¿Yo gringo? *Never*. Porque diga unas palabritas em *English* de vez en cuando, eso no quiere decir nada.” (ALARCÓN, 1993, p. 67). O personagem nega que poderá ser considerado norte-americano por usar algumas palavras em inglês, o que soa irônico pelo uso da palavra em língua inglesa “*never*”, que significa nunca, para reforçar sua negação. Pode-se destacar que ao longo de todo o texto tanto Epifanio quanto Epiceno utilizam palavras da língua inglesa incorporadas em seus discurso, como *migrant*, *school*, *Armi*, *Spanish*, entre outros.

O encontro das línguas também é visto como um problema. Em: “Pos que esa palabra en inglés quiere decir en español «abusar» de una mujer.” (ALARCÓN, 1993, p. 55) Epifanio conta no capítulo *Las palabras malentendidas* sobre uma vizinha que teve o marido preso pela confusão entre os termos “molestar” e “abusar”, já que na hora da tradução para a polícia a denúncia saiu como se tivesse abusado



sexualmente da filha e não incomodar, como queria expressar a palavra em espanhol.

Segundo o livro, pessoas que correspondem a primeira geração da diáspora possuem mais identificação com a língua, a comida e a música de seu país de origem. No capítulo *Los barrios* Epiceno fala sobre uma cerveja de origem Norte-americana: “Pos usté verá, pero que no sea *Coors*, porque diz que tiene veneno.” (ALARCÓN, 1993, p. 50). E Epifanio responde: “Yo no bebo cochinas, yo bebo *Tecate*. Pero ya... ya platicaremos más. Y usté vaya pensando en cosas, porque yo ya hablé mucho.” (ALARCÓN, 1993, p. 50). Entre os aspectos alimentícios, como neste caso a cerveja, o texto deixa claro a vontade do povo mexicano de manter a tradição até através da bebida, pois *Tecate* é uma cerveja de origem mexicana.

Esta primeira geração da diáspora também analisa como a realidade muda ao se tratar de novas gerações, ou seja, pessoas que já nasceram nos Estados Unidos e acabam por apagar um pouco da cultura dos ancestrais ao apropriar-se da cultura que estão em contato. “Se levantaron y, después de ver a las familias sentadas a las mesas, los padres sirviendo *hot dogs* y hamburguesas, los hijos aplacando el sudor con *kool-aid*, se retiraron lentamente del parque. Los dos caminaban juntos bajo el peso de la soledad.” (ALARCÓN, 1993, p. 62) O autor utiliza comidas tipicamente norte-americanas e o suco *kool-aid*, sendo consumidas por famílias de descendentes de mexicanos e a descrição que Epifanio e Epiceno deixam o parque ao ver esta cena, demonstrando a diferença entre as gerações, que já haviam sido mostradas em trechos do texto que criticam os jovens *chicanos* por falarem *English Only* e se interessarem apenas por músicas norte-americanas.

Segundo Pratt (1999, p. 27)

espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo.



Sendo assim, a adoção de hábitos culinários tipicamente norte-americanos é resultado desta zona de contato e representa também uma supremacia dominante do mercado e do marketing envolvido, isso se exemplifica pelo fato de que mesmo países que não fazem divisa territorial com os Estados Unidos aderem aos hábitos culinários impostos pelo mercado.

Porém, tais aspectos são sentidos por Epifanio como negação da cultura mexicana:

Los viejos nos acabamos, y ya merito nos vamos sin ver que nuestros jóvenes continúen con nuestras costumbres. Se inclinan más a todo lo que sea gringo que a lo nuestro. Y uno se pregunta que para qué les enseñamos nada. Al fin y al cabo hemos perdido el tiempo. (ALARCÓN, 1993, p. 186).

O conto *El ser chicano 2* trata desta questão de identidade e pode ser relacionado ao conto *Los barrios*, em que compara os efeitos da diáspora em outros povos que se estabeleceram nos Estados Unidos: “Y ahí tiene usted las dos razones por qué la gente se va del barrio. Porque la ciudad tiene poco respeto por los barrios y porque la raza los abandona en lugar de peliar. Si nos juntáramos como los judíos y como los chinitos, no pasaría esto.” (ALARCÓN, 1993, p. 47). Epifanio exemplifica a união das comunidades judias e chinesas e aponta o grupo mexicano como desunido, e segue no livro argumentando que mesmo com a adoção de costumes e a inserção na “cidade” os “gringos” sabem quem é descendente de mexicano e nunca os aceitarão como norte-americanos.

Segundo Brah (2011, p. 214 – 215),

La <<comunidad diaspórica>> se imagina de formas diferentes bajo diferentes circunstancias históricas dentro de esta confluencia de narraciones. Con esto quiero decir que la identidad de una comunidad diaspórica imaginada está lejos de ser fija o preconcebida. Se constituye dentro del crisol de la materialidad de la vida diaria; en las historias cotidianas que nos contamos individual y colectivamente.



A então comunidade diaspórica mexicana, instalada no bairro no qual e sobre o qual Epifanio e Epiceno conversam é uma comunidade imaginada. No trecho, Epifanio deseja uma comunidade com aspectos fixos e baseados na tradição de seu povo. Teoricamente, como aponta Brah, não é possível se conceber uma comunidade diaspórica bem definida e sem alterações formadas no cotidiano.

Entre tradições e alterações diárias é que se define a referência de como são vistos os mexicanos por estadunidenses. No conto *Los dibujos animados* o autor descreve a imagem dos mexicanos nas publicidades norte-americanas. O personagem Frito Bandido era utilizado para anunciar “chips”, mas o recurso de humor usado na propaganda é que Frito Bandido roubava as batatas como “*un buen mexicano*”. Além disso, no conto *Los licenciados*, Epifanio diz:

Pos porque, aunque son racistas y todo ese rejuego, el color del dinero les ciega el color prieto de las caras de nuestra gente. Además, cuando defienden a uno, el juez ve con mejores ojos a un licenciado gringo que a uno chicano, por las razones que le apunté. (ALARCÓN, 1993, p. 109).

O preconceito é demonstrado mais uma vez, através da resistência do povo norte-americano em confiar em mexicanos.

Mas o livro ultrapassa as barreiras de como os norte-americanos enxergam os mexicanos e traz a visão de como os próprios mexicanos se veem diante desta situação diaspórica. “Pos, como le decía antes, compadre Epiceno, el vendedor que decía que era «puro mexicano», aunque era chicano, apenas sabía decir dos o tres cosas en español.” (ALARCÓN, 1993, p. 82) A fala de Epifanio centraliza em questões de identidade e divide os termos “puro mexicano” de “chicano”. Destaca-se que entre o próprio grupo de descendentes de mexicanos nos Estados Unidos existe preconceito, já que alguém que não mantém o idioma, entre outras tradições não pode ser considerado “puro mexicano”.

Neste sentido, pode-se questionar a ideia de pureza de um povo.



Conforme as citações de Hall (2003), utilizadas ao longo do capítulo teórico, o fenômeno de transculturação é um dos efeitos da diáspora, não existindo um povo de cultura pura, somos frutos de mesclas sociais. O preconceito dos norte-americanos apontado antes no texto, com a ideia de “verdadeiros norte-americanos”, passa a existir dentro do próprio povo mexicano.

Assim como se demonstra o preconceito do descendente de mexicano que mantêm os costumes com o que não mantêm, o texto retrata o preconceito dos mexicanos que já se consideram norte-americanos com os que ainda encontram-se no México e desejam cruzar a fronteira.

Pos en una de tantas pláticas de ésas, pos que una vieja le dijo al locutor pos que ella no veía con buenos ojos que los «mojados», así mismito los llamó, «mojados», pos que no debían permitirseles que cruzaran la frontera para entrar en «nuestro país», que ansina dijo, «nuestro país». ¿Cómo la ve, compadre Epifanio, cómo la ve? (ALARCÓN, 1993, p. 144 - 145).

Analisa-se o fato teoricamente com base em Brah (2011), pois a mulher possui um sentimento de pertencimento com os Estados Unidos, ao utilizar “*nuestro país*” já passou a considerar seu lar, tanto que possui um sentimento que ultrapassa o sentimento nacionalista racional e chega a querer negar que outros mexicanos deem sequência à diáspora.

A “diferença cultural” de um tipo rígido, etnicizado e inegociável substitui a miscigenação sexual enquanto fantasia pós-colonial primordial. Um “fundamentalismo” de impulso racial veio à tona em todas essas sociedades da Europa ocidental e da América do Norte, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado. O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao “Outro”, baseados nessa “diferença cultural” hipostasiada, passou a ocupar seu lugar junto com racismos antigos, fundados na cor da pele ou na diferença fisiológica - originando como resposta uma “política de reconhecimento”, ao lado das lutas contra o racismo e a justiça social. (HALL, 2003, p. 46)

A discriminação em relação ao “Outro”, definida por Hall, está baseada



em diferenças. No caso de mexicanos que já se sentem pertencentes aos Estados Unidos, acabam por negar as semelhanças que possuem com o povo de seu país de origem.

Apesar de aspectos de identidade e pertencimento existam e sirvam para que mexicanos se sintam norte-americanos, segundo Brah (2011) existem características dos mexicanos que não podem ser apagadas e os identificam como alvo de preconceito.

Aunque la señora de que me hablaba no quería que su hija se pusiera prieta y que las gringas se tienden al sol, como lagartos en primavera, para ponerse prietas, son dos casos muy diferentes. La chicanita, en el fondo, sí quisiera ser gringa. Pero la gringa, en el fondo, no quisiera ser chicana, nomás en la superficie, en la piel. Para la chicanita es cosa del alma, para la gringa es cosa de moda. Y esta diferencia es muy importante y muy grave. (ALARCÓN, 1993, p. 176)

O conto *Nosotros, los indios (3)*, ilustra com uma passagem sobre cor de pele que mesmo que os descendentes de mexicanos deixem de falar a língua espanhola e adotem características dos norte-americanos, ainda assim serão identificados como “*chicanos*” pelo seu tom de pele. Vale destacar a transculturação presente também nesse trecho, pois as norte-americanas tomam sol tentando ficar com tom de pele semelhante ao dos mexicanos.

Na fala de Epifanio (ALARCÓN, 1993, p. 186):

Yo me pregunto, compadre Epiceno, que en qué consiste ser Raza. Uno dice que «yo soy chicano», porque nació en el barrio y porque lleva el sobrenombre de García y porque es prieto. Pero ya no sabe español, ni va a la iglesia los domingos, ni escucha la radio mexicana, ni nada de nada. Otro que habla español muy bien y que es católico, va a los restaurantes mexicanos, tiene una estampa de la Virgen de Guadalupe en el cristal trasero del carro, pero que dice que «semos americanos», que hay que defender a este país, y echa madres contra Castro, pos dice que «yo no soy chicano, yo soy americano». Otro que llegó ayer de México, que no sabe nada de inglés, que se casó con una mexicana y que nunca come en McDonalds, porque esa «mugre», como la llama él, no es mexicana, dice que «yo soy chicano». Un gringo que trabaja en el barrio de *social worker*, que apenas habla español, y que apadrinó a un



chorro de buquis, dice «yo sentirme ya chicano». ¿Cómo la ve ustedé, compadrito, quién los entiende?

Destaca-se como um resumo dos aspectos analisados: língua, religião, cultura, entre outros. O que justifica principalmente a utilização do trecho na análise é a questão identitária.

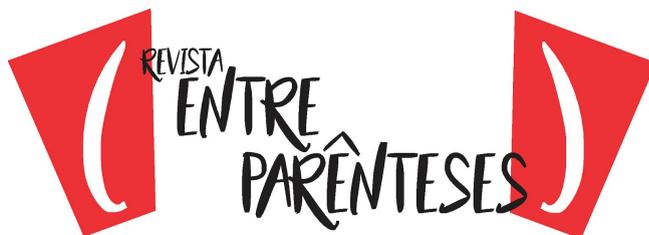
No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses, galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2005, p. 47)

Exatamente por pensarmos em culturas nacionais como nossa natureza essencial é que o personagem se questiona como um norte-americano pode sentir-se “*chicano*” ou como um descendente de mexicano pode negar sua origem e adotar costumes e língua que não são de seu povo. Isso se dá porque a identidade extrapola questões de genes, mas para Epifanio o sentimento nacionalista deveria ser mais forte, mesmo que a realidade se configure numa vivência de anos em outro país que não o seu de origem.

O texto literário trouxe ao longo de toda sua extensão questionamentos diretos e indiretos sobre os aspectos da diáspora mexicana. Encerra-se esta análise com um último trecho da fala de Epifanio:

Pos sí, pero es que eso, compadre Epiceno, eso sólo no basta. Porque deténgase ustedé a pensar un poco nomás y verá que, porque a un gringo del norte le gusten las enchiladas con queso mexicano, eso nomás no lo hace chicano. Y a uno de los nuestros, porque hable inglés bien y le guste la música *rock* y las hamburguesas McDonalds, tampoco eso lo hace gringo. (ALARCÓN, 1993, p. 188)

Conforme o personagem, mesmo com a apropriação cultural, um mexicano não se faz norte-americanos, assim como um norte-americano não se faz



mexicano; o que responde os próprios questionamentos feitos ao longo do texto sobre “pureza de raça”. “As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele 'tempo perdido', quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas.” (HALL, 2005, p. 56) Mas mesmo que os aspectos de nacionalismo sirvam para unir um povo, não podem ultrapassar o conceito de humanidade e de os povos são frutos de suas mesclas.

O texto encerra com a morte de Epifanio e representa o fim das discussões sobre esses aspectos no bairro. Isso porque eles representavam uma primeira geração mexicana diaspórica e ao longo da sua vida puderam observar as mudanças na relação entre seu povo e o novo país. A morte representa que Epiceno não teria mais com quem discutir as questões de seu povo, enquanto esta obra literária representa que essas discussões prosperam a partir de seus leitores.

4. Conclusões

Por meio desta análise, pôde-se concluir que o recurso de selecionar critérios de análise como fronteira e ilegalidade, economia, política e cultura foi uma estratégia positiva, pois possibilitou a análise de traços literários sobre identidade, pertencimento e transculturação. O proposto era utilizar-se de elementos apresentados como comuns da imigração mexicana no texto literário e ressaltá-los com base na teoria.

O item econômico, foi visto pelos personagens de maneira positiva, já que ser mão de obra aos Estados Unidos reverte em bons resultados econômicos para as famílias mexicanas, através de dinheiro enviado aos familiares que ficaram no país de origem. No entanto, o texto apresenta uma crítica à política internacional, expondo o controle que os Estados Unidos possuem na produção e comércio mexicanos como negativa para o país, perpetuando assim a falta de emprego e a pobreza no México.

Torres ao realizar uma análise sobre obras chicanas afirma que: “assim, o



movimento que pode ser observado na literatura chicana é manter referências à tradição hispânica, intercalando-a com sua realidade particular, bilíngüe e bicultural.” (TORRES, 2001, p. 25) Considera-se que, na obra de Alarcón, a presença bilíngüe e bicultural está presente, sendo um enriquecimento através da transculturação. Os impactos linguísticos foram analisados segundo sua influência social, política, policial e cultural ao longo da trama. Pode-se destacar que não só no bilinguismo, mas a presença do *Spanglish* na escrita.

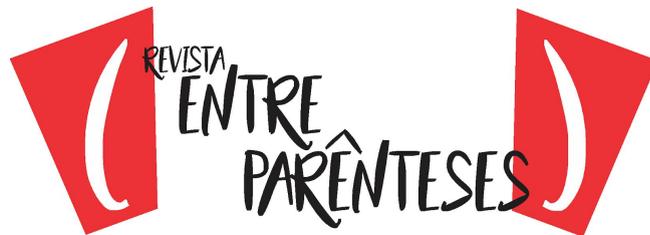
Los dos compadres como uma escrita de fronteira representa a expressão artística de uma zona de contato. “El tropos literario de <<escritura de frontera>> puede ser importante para dilucidar algunos aspectos de los encuentros de frontera.” (BRAH, 2011, p. 235), pois revela o desejo da permanência de aspectos culturais, por meio da tradição, mas com caráter mutável diante desse contato. Isso ocorre pela fronteira apresentada pelo texto não ser apenas uma divisão geográfica, mas uma fronteira social, cultural, política, entre outras divisões e fusões que a fronteira pode representar aos dois povos.

Com o exposto até aqui, acredita-se que os personagens idosos representam o início do processo da diáspora, como primeira e segunda geração que se deslocou aos Estados Unidos e que acompanham os fenômenos que envolvem a diáspora. Alarcón opta por retratar as zonas de encontro como um choque entre culturas não só entre norte-americanos e descendentes de mexicanos e mostra o efeito da transculturação no choque cultural entre *chicanos* e mexicanos, deixando exposto literariamente que identidade e cultura não podem ser vistas como algo definido e estanque.

REFERÊNCIAS

ALARCÓN, J.S. **Los dos compadres**: cuentos breves del barrio. México: Alta Pimería Pro Arte y Cultura, 1993.

BRAH, A. **Cartografias de la diáspora**: Identidades en cuestión. Madrid: Traficantes de sueños, 2011.



HALL, S. Pensando a Diáspora, Reflexões sobre a terra no exterior. In _____. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. trad. Adelaine La Guardia Resende et, al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Editora EDUSC, 1999.

REIS, M. Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. **International Migration**, v.42 (2), p. 41-60, 2004.

RENAN, E. What is a nation?. In: BAHBAB, Homi (Ed). **Nation and Narration**. London: Routledge, 1990.

TORRES, S. **Nosotros in USA**: Literatura, etnografia e geografias de resistência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Recebido em 29/04/2018

Aceito em 18/09/2018.